

Aula 10

PREPARAÇÃO DE MATERIAIS PARA O ENSINO DE INGLÊS E O PLANEJAMENTO DE AULAS

META

Discutir as questões relacionadas ao ensino de língua inglesa, no que se refere a conceitos importantes que possam guiar o professor em formação a preparar seus planos de aulas e materiais a serem utilizados em sala, levando-se em consideração as necessidades de suas turmas, conforme defende a condição do pós-método e o letramento crítico.

OBJETIVOS

At the end of this class, it is expected that the students:

- Discutir as questões relacionadas ao planejamento de aulas e preparação de planos de aula;
- Discutir as questões relacionadas à preparação de materiais didáticos para o ensino da língua inglesa;
- Discutir a importância de trabalhar as novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem de uma LE;
- Analisar materiais didáticos destinados ao ensino da língua inglesa.

PRERREQUISITOS

- Conhecimento básico sobre o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira;
- Conhecimento básico sobre o ensino de LE a partir de concepções indutivas de ensino;
- Conhecimento das orientações para o ensino de línguas estrangeiras, a partir dos PCN;
- Conhecimento das orientações para o ensino de línguas estrangeiras, a partir das OCEM;
- Conhecimento das orientações para o ensino de línguas estrangeiras, a partir do PNLD.

Elaine Maria Santos
Gildete Cecília Neri Santos
Rodrigo Belfort Gomes

INTRODUCTION

Nas aulas anteriores, discutimos questões importantes para o professor em formação quando do preparo de suas aulas, destinadas ao ensino da língua inglesa. Estudamos as orientações presentes nas principais peças legislativas em vigor, destinadas ao ensino de LE, como os PCN, as OCEM e o PNLD. Da mesma forma, ao trabalharmos com as questões relacionadas ao ensino de LI, verificamos algumas concepções educacionais relacionadas aos principais métodos de ensino, como o da gramática e tradução, o método direto, o método audiolingual, a abordagem comunicativa e o *task-based*.

Na aula 10, veremos a importância de se preparar um bom plano de aula, que possa servir de guia para a aula de língua estrangeira, tendo-se a compreensão de que o plano deve servir como um guia e, assim, deve ser flexível para o professor, de modo que, a qualquer momento o plano possa ser totalmente reformulado, mesmo que esse momento seja percebido durante a aula, a partir das respostas dos alunos e do feedback contínuo que o professor recebe. Assim, em meio a discussões sobre plano de aula, preparação de materiais didáticos e inserção de atividades baseadas nas novas tecnologias, finalizaremos o curso de Metodologia do ensino da língua inglesa II, certos de que muitas sementes foram plantadas e o momento da colheita será frutífero, com aulas bem preparadas e baseadas nas reais necessidades dos alunos.

Revise os conteúdos das aulas anteriores, recorrendo, também, aos materiais encontrados na disciplina Metodologia do ensino-aprendizagem de Inglês I. Estude os conteúdos aqui propostos com dedicação e afinco e siga todas as orientações, solicitando a ajuda do(a) seu tutor, sempre que necessário. Atividades complementares serão propostas de forma oportuna, ao longo da aula, pelo coordenador desta disciplina.

Bons estudos e um excelente trabalho a todos.

Prezado(a) aluno(a), estamos na última aula do curso de Metodologia do Ensino de Língua Inglesa II. Estudamos muitos conceitos e analisamos atividades e livros didáticos, no que se refere ao trabalho com as quatro habilidades linguísticas, segundo conceitos defendidos em metodologias diversas, como o método da gramática e tradução, o método direto, o método audiolingual, a abordagem comunicativa, e a abordagem baseada em tarefas. Associamos todos esses conhecimentos com a necessidade de inserirmos a criticidade em sala de aula, seguindo os pressupostos do Letramento crítico. Precisamos, nesse momento, organizar as nossas ideias e estar preparados para a fase de planejamento de aulas.

Para Linda Jensen (2001), um plano de aula deve ser compreendido como uma ferramenta extremamente útil para professores iniciantes e

experientes, servindo para orientar o professor em sala de aula a melhor vislumbrar seus objetivos educacionais, bem como registrar o que foi feito, e que poderá ser remodelado em aulas futuras. Um bom plano de aula auxilia professores que precisam substituir seus colegas, pois terão um registro do que foi preparado para aquela aula específica. Assim, o plano de aula

Serves as a combination guide, resource, and historical document reflecting our teaching philosophy, student population, textbooks, and most importantly, our goals for our students. It can be described with many metaphors such as road map, blueprint, or game plan (see Ur 1996); but regardless of the analogy, a lesson plan is essential for novice teachers and convenient for experienced teachers (LINDEN, 2001, p. 403).

O plano de aula pode ter formatos diversos, não sendo objetivo desta aula defender modelos específicos. Cada professor, diante da necessidade de contemplar alguns pontos importantes, preparará seu próprio modelo, não se devendo ficar estático em um modelo determinado. Independente do formato, o plano de aula precisa destacar o nível da turma, o **background** dos alunos, os objetivos que foram traçados para a aula em questão, as habilidades que serão trabalhadas, as atividades utilizadas, os materiais e textos selecionados, bem como os possíveis problemas e soluções plausíveis para os problemas identificados. A aula precisa ser pensada de uma forma ampla, e conter o objetivo geral, que pode, por exemplo, ser o de apresentar um ponto gramatical, trabalhar estratégias de leitura, promover discussões sobre um ponto A, trazendo questionamentos que levem o aluno a trabalhar com a criticidade, etc.

Um plano de aula bem preparado, para Linden (2001), deve ter começo, meio e fim, com objetivos bem traçados e nível de detalhamento compatível com o *teaching style* de cada um. Os objetivos da aula devem ser bem planejados, servindo como um guia eficaz para que a aula seja coerente com seus propósitos e possa atingir os resultados esperados. Para Farrel (2009),

Objectives describe the destination (not the journey) we want our students to reach. Clear, well-written objectives are the first step in daily lesson planning. These objectives help state precisely what we want our students to learn, help guide the selection of appropriate activities, and help provide overall lesson focus and direction. They also give teachers a way to evaluate what their students have learned at the end of the lesson. Clearly written objectives can also be used to focus the students (they know what is expected from them) (FARREL, 2009, p. 32).

Os formatos são variáveis, mas alguns itens precisam estar presentes, como: Nível da turma; Objetivo geral da aula; uma atividade inicial, na forma de um warmup; contextualização do tópico trabalhado, detalhamento das atividades selecionadas, listagem de materiais necessários, previsão de tempo

para as atividades, reflexão e avaliação do plano de aula. Mais importante do que a presença ou ausência desses itens aqui elencados é a flexibilidade que o plano deve trazer. Apenas a título de ilustração, apresentamos três modelos de plano de aula nas figuras 01, 02 e 03, de modo que possamos ter uma ideia de modelos já existentes, e que possam ser norteadores para a construção de um modelo nosso, condizente com nossa realidade e nossos estilos.

FICHA DE PLANO DE AULA					
TEMA: _____					
PROFESSOR/ALUNO: _____					
ESCOLA/INSTITUIÇÃO: _____					
DATA: ____/____/____					
OBJETIVO GERAL	PÚBLICO ALVO	CONTEÚDOS MINISTRADOS	PROCEDIMENTOS A SEREM TOMADOS	RECURSOS UTILIZADOS	AVALIAÇÃO
PALAVRAS/ CHAVE: _____					

Modelo de plano de aula. Fonte: <https://www.soescola.com>

Subject:		School:	
Date: _____		Students will engage in:	
Block: <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4		<input type="checkbox"/> independent activities <input type="checkbox"/> pairing <input type="checkbox"/> centers <input type="checkbox"/> cooperative learning <input type="checkbox"/> hands-on <input type="checkbox"/> lecture <input type="checkbox"/> peer tutoring <input type="checkbox"/> whole group instruction <input type="checkbox"/> visuals <input type="checkbox"/> technology integration <input type="checkbox"/> simulations <input type="checkbox"/> a project <input type="checkbox"/> Other: _____	
Semester: <input type="checkbox"/> S1 <input type="checkbox"/> S2			
Standards/Objective Met:			
Class Objective:			
Time	Procedures Followed:	Materials/ Text References	
5 min.	Class Starter:		
minutes			
Homework Given:			

Note: printable courtesy of LessonPlans4Teachers.com

Modelo de plano de aula. Fonte: <http://www.galagentemplates.com>

Time: 12:00 P.M. to 12:35 P.M. **Subject:** English language **Class:** Secondary 2 English
Language Focus: Reading **Topic:** Sport (mixed-ability level)

Objectives:

To teach the students how to skim for main idea of the passage – identify key words.

Prior Knowledge:

Students have learned how to locate information by reading and finding the main sentence of each paragraph.

Materials:

1. Reading materials – article from book on Sport
2. Overhead projector/OHTs
3. Whiteboard

Step	Time	Tasks (Teacher)	Tasks (Pupils)	Interaction	Purpose
1	5–10 mins	<p>Opening: Introduction to the topic sport. T activates schema for sport. T asks Ss to help him or her write down as many different kinds of sport on the whiteboard within 3 minutes. T asks Ss to rank their favorite sports in order of importance.</p>	<p>Listen</p> <p>Ss call out the answer to the question as the T writes the answers on the board.</p> <p>T writes the answers.</p>	<p>T ↔ Ss (T = teacher; Ss = students)</p>	<p>Arouse interest. Activate schema for sport.</p>

Modelo de plano de aula. Fonte: FARREL, 2009, p. 36

Devemos ter em mente que, a qualquer momento, podemos mudar nossos objetivos e redesenhar atividades, podendo esta decisão ser anterior ou durante a aula ministrada. Diante de dificuldades ou demonstração de conhecimentos específicos por parte dos alunos, atividades podem ser suprimidas ou inseridas. Ao analisarmos o nosso plano durante a execução da aula, estaremos atentos às brechas identificadas na sala, conforme destacou Duboc (2017)e, assim, um momento de trabalho de criticidade pode ser valorizado. Vamos ver um desses momentos que podem surgir nas nossas aulas, e que precisam ser explorados, com a mudança do nosso plano de aula, já que este deve ser o mais flexível possível?

Vamos imaginar que em uma aula X, o professor esteja trabalhando o verbo *can* como habilidade. Em um certo momento, um vídeo foi apresentado aos alunos com o objetivo inicial de trabalhar os conteúdos gramaticais e levar a uma reflexão crítica sobre o teor do que é dito. Assim, os alunos assistiram ao vídeo “*Like a girl*”. Este vídeo é, na realidade, uma propaganda do *Always* e é utilizado para mostrar que o termo “*Like a girl*” se tornou pejorativo, em decorrência de uma inculcação de valores machistas que denigrem a imagem da mulher, associando-a a um sexo frágil e incapaz de executar as ações com a mesma firmeza de um homem. Desse modo, de acordo com o plano de aula do professor Y, após assistir ao vídeo, os alunos deveriam, inicialmente, listar o que as mulheres podem fazer, segundo o vídeo, devendo, logo após, responder uma pergunta de verdadeiro e falso sobre esse tema.

Em um momento posterior, para o trabalho com o letramento crítico, o professor instigou os alunos com perguntas sobre o porquê das mulheres serem consideradas tão indefesas, qual a ideologia por trás da propaganda e o que poderia ser feito pelos alunos, para que aquela imagem fosse combatida.

Confira o vídeo, acessando o site www.youtube.com e digitando “*Like a girl*” no botão de busca. Como sugestão, você pode acessar o link <https://www.youtube.com>.

Imagine que, durante os momentos de discussão, o aluno Z fizesse o seguinte questionamento: “E se usássemos a expressão ‘*like a boy*’ seria também pejorativo?”. Aproveitar-se das brechas da sala de aula, flexibilizando o plano de aula, é estar atento a essas oportunidades de extrapolar o plano preparado e enveredar pelas discussões levantadas pelos alunos. Esta deve ser nossa busca. Um professor muito fixo no plano de aula ignoraria a pergunta do aluno Z e continuaria com o roteiro traçado. Que tipo de professor você quer ser? Aquele que vê o plano de aula apenas como um guia? Ou aquele que não altera o que foi planejado, para que o plano seja seguido à risca, ignorando um questionamento tão rico como o feito pelo aluno Z? Vamos pensar sobre isso?



Captura de tela do Vídeo “*Like a Girl*”, propaganda da empresa *Always*. Fonte: Print da tela do YouTube em <https://www.youtube.com>

A atividade apresentada sobre o vídeo *Like a girl* não estava presente no livro didático seguido pelo professor Y, tendo sido, dessa forma, preparada para atender às necessidades dos alunos e para promover um debate sobre uma temática identificada, pelo professor, como pertinente para a turma em questão. A preparação de materiais deve ser uma ação constante em nossas práticas docentes, estando respaldada em um processo de consolidação da autonomia do professor frente as suas turmas e aos livros indicados para adoção.

Prabhu (1989) foi um grane defensor da autonomia do professor diante do livro didático, de modo que o professor pudesse ser o verdadeiro autor das escolhas feitas em seu plano de aula, distanciando-se das amarras do livro didático, sempre que este estivesse muito focado em métodos ou abordagens que pouco ou nada trazem de significação para seus alunos.

Assim, sendo, para o autor, o controle da preparação de materiais deve ser restaurado ao professor de línguas, que deve basear suas escolhas a partir das necessidades dos alunos. Mas como podemos preparar materiais? Existe alguma receita a ser seguida? A resposta é “Não”! A preparação de materiais deve estar pautada na identificação de necessidades dos alunos, dos seus estilos de aprendizagem, e da multiplicidade de tipos de atividades, bem como na busca pelos objetivos traçados e pela significação de sentidos por parte de professor e alunos e na possibilidade de promover reflexões críticas sobre as atividades e os assuntos discutidos, uma vez que o ensino de línguas deve prever o trabalho linguístico e o de reflexão sobre o mundo.

Na nossa busca por aulas significativas, Crawford (2009) também sinaliza que o professor não pode ser refém do livro didático, mas destaca a importância em aproveitar os pontos positivos que toda obra traz, incrementando os conteúdos com materiais preparados pelo professor e que tragam dinamicidade, autenticidade de contextos e relações, que privilegiem os dispositivos visuais, para facilitar a aprendizagem, que promova engajamento e tragam propósitos linguísticos claros, com ênfase na flexibilidade e na autonomia dos aprendizes. Sempre que necessário, segundo a autora, os componentes tecnológicos devem ser contemplados, por ser motivadores e por representarem a realidade dos aprendizes.



Professor que não é refém do livro didático. Fonte: <http://1.bp.blogspot.com>

Ao defender a importância em se investir em formação de professores, tendo como objetivo a preparação de materiais, Tomlinson (2009, p. 111-112) teceu algumas considerações sobre o cuidado que o professor deve ter ao selecionar os textos a serem empregados nesses materiais, sejam eles escritos, visuais ou falados. Assim sendo, para o autor, o texto selecionado precisa engajar o aluno, tanto em termos cognitivos quanto afetivos; precisa

ser facilmente conectado com as vidas dos alunos ou seu conhecimento de mundo; deve permitir ativação de representações multidimensionais e estimular respostas pessoais, sejam elas divergentes ou similares aos fatos apresentados. É imperioso que o nível linguístico seja condizente com a proficiência do aluno, proporcionando uma leitura desafiadora, mas não muito difícil; sendo também necessário que esteja em acordo com a idade e a maturidade do público alvo. O texto eleito precisa, também, ter o compromisso de contribuir para o desenvolvimento pessoal do aprendiz, a partir da exposição a uma variedade de gêneros textuais.

Percebeu a importância em investirmos nosso tempo, como professores de língua estrangeira, na preparação de materiais didáticos que possam enriquecer nossas aulas e suprir possíveis carências encontradas no livro didático? Analisando os conteúdos aqui discutidos, a preparação de materiais deve contemplar apenas as questões linguísticas? Tenho certeza que sua resposta foi “não”! A partir dos materiais que levamos para nossas aulas, discutimos temas que envolvem questões culturais e identitárias, fazendo com que o aluno reflita sobre sua realidade e sobre o mundo que o cerca, investindo em problematizações que levem a uma reflexão e consciência crítica. Precisamos, assim, lançar nosso olhar crítico para os textos e materiais presentes em livros didáticos, uma vez que a cultura narrada é, em sua grande parte, representada pelo ponto de vista dos autores.

This is potentially damaging as the coursebook is accorded excessive reverence in many classrooms as the ultimate authority and there is a risk that its users might accept its views and values uncritically. However, our experience in many countries is that teachers and learners are capable of doing more critical than they are given credit for (TOMLINSON; MASUHARA, 2013, p. 43).

Assim sendo, precisamos preparar materiais condizentes com as necessidades de nossos alunos, e que estejam focados no desenvolvimento linguístico e no estabelecimento de um ambiente crítico-reflexivo, que privilegia as trocas culturais e que propicia um espaço para as discussões identitárias. Tomlinson e Masuhara (2013) propuseram uma lista contendo oito itens que simbolizam o que os materiais para o ensino de línguas estrangeiras precisam contemplar. Para os autores, é necessário que esses materiais

- 1. reflect the real world that the learners live in;*
- 2. not promote the values of the producers of the materials;*
- 3. expose the learners to differing views and values;*
- 4. help the learners to develop the ability to be constructively critical of societies, of values, of ideas and of behaviour;*
- 5. help the learners to develop the ability to be constructively critical of language use;*

6. *help the learners to develop the ability to be constructively critical of language learning materials;*
7. *help the learners to develop the ability to think independently for themselves;*
8. *help the learners to develop critical confidence* (TOMLINSON; MASUHARA, 2013, p. 46).

Ficou claro que a preparação de materiais didáticos é de suma importância para o enriquecimento de nossas aulas de LE? Trata-se de um processo criativo, que deve ser planejado e, como tal, ter objetivos claros, de modo que esses materiais preparados estejam presentes nos nossos planos de aula, proporcionando momentos de desenvolvimento linguístico e de *critical awareness*. Vamos ver alguns exemplos de materiais preparados a partir de uma música e de um vídeo?

Inicialmente, vamos analisar uma atividade planejada para a música *Thinking out loud*, de Ed Sheeran. Antes da aplicação da atividade, os alunos deverão fazer uma revisão do futuro com *will*, de modo que a última atividade de revisão seja a música. Trata-se de uma atividade de *fill in the blanks*, mas não com palavras aleatórias. Os alunos precisam olhar o quadro de verbos apresentado e, em pares, tentar completar a letra da música com o futuro, podendo a frase estar na afirmativa, negativa ou interrogativa. Como uma etapa seguinte, o professor toca a música, de modo que os alunos possam corrigir o trabalho feito em duplas. Antes da conferência por parte do professor, a música é apresentada mais uma vez, mas agora o seu *video clip*, para que o visual learningstyle possa ser privilegiado. Confira, a seguir, o formato da atividade, com as primeiras estrofes da música.

Thinking Out Loud – Ed Sheeran

**SMILE – BE – UNDERSTAND - REMEMBER - LOVE -
KEEP**

*When your legs don't work like they used to before
And I can't sweep you off of your feet
_____ your mouth still _____ the taste of my love
_____ your eyes still _____ from your cheeks*

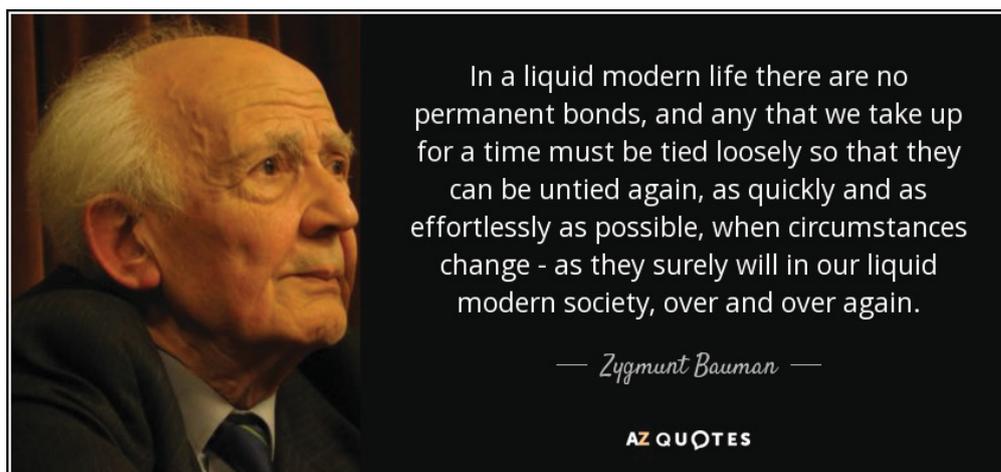
*Darlin' I _____ lovin' you
Till we're seventy
Baby my heart could still fall as hard
At twenty three*

*I'm thinkin' bout how
People fall in love in mysterious ways
Maybe just the touch of a hand*

*Me, I fall in love with you every single day
I just wanna tell you I am*

(Letra da música retirada do site <https://www.vagalume.com.br>.)

Neste momento, encerra-se o trabalho linguístico, com a proposição de uma análise crítica sobre a música. O professor pede que os alunos leiam a letra da música, propondo uma reflexão a partir do que foi lido e de um pensamento do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2004), em seu livro *Amor Líquido*, conforme apresentado na figura 06.



Pensamento de Bauman sobre as relações amorosas, retirado do seu livro *Amor Líquido*. Fonte: <http://www.azquotes.com>

Baseados na letra da música e no pensamento de Bauman (2004), é proposta uma discussão sobre a fragilidade dos laços humanos e a efemeridade das relações no contexto da pós-modernidade, em contrapartida com a visão romântica de relacionamentos duradouros e amor eterno. Após a discussão em que os alunos, em pequenos grupos, compartilham suas opiniões, analisando o cenário social da atualidade e suas percepções de mundo, abre-se uma discussão com todo o grupo, de modo que essas questões possam ser discutidas e as opiniões dos alunos, contrárias ou não ao que foi apresentado na música e na citação, sejam apresentadas.

Perceberam como, a partir de uma música, foi possível trabalhar as questões linguísticas e as ideias contidas na letra da música, a partir de uma perspectiva de problematização e de criticidade? Que tal fazermos uma atividade?



ACTIVITY

Tomando como ponto de partida a atividade apresentada sobre a música *Thinking Out Loud* e a citação de Bauman (2004), escreva um parágrafo analisando as propostas da atividade, a partir dos itens apresentados por Tomlinson e Hasuhara (2013), que sinalizam o que os materiais para o ensino de línguas estrangeiras precisam contemplar.

COMMENTS ON THE ACTIVITIES

Antes de responder à questão, releia todo o material com atenção, principalmente no que se refere à apresentação da atividade sobre a música em questão e os pontos destacados por Tomlinson e Hasuhara (2013). Faça uma lista dos itens identificados e que estão contemplados na atividade e, logo após, redija o parágrafo. Caso tenha dúvidas, entre em contato com o(a) seu(a) tutor(a), solicitando explicações adicionais.

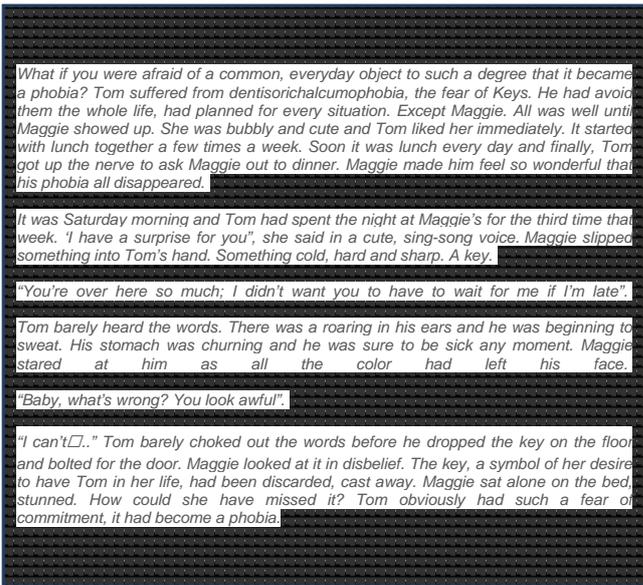
A próxima atividade a ser analisada foi desenhada a partir de um vídeo produzido por um grupo de britânicos que possui um pequeno seriado disponível no Youtube. Trata-se da série de vídeos intitulada *The Sketch Show*. Neste episódio, algumas pessoas se reúnem em uma festa dedicada para aqueles que querem compartilhar as experiências de suas fobias. Acesse o site www.youtube.com e assista ao vídeo “Social Phobia Treatment”. Como sugestão, você pode acessar o link <https://www.youtube.com>.



Captura de tela do vídeo “Social Phobia Treatment”. Fonte: Print de tela de vídeo do link <https://www.youtube.com>.

Podemos preparar uma atividade baseada nesse vídeo para discutir, por exemplo, emoções, medos e fobias. Para a preparação dessas atividades, iremos focar no desenvolvimento linguístico e na promoção de um espaço de discussões sobre a temática levantada. Inicialmente, podem ser disponibilizadas atividades de *pre* e *while listening*, ficando a discussão final como *post-listening*. Como *pre-listening*, o professor pode perguntar aos alunos se eles têm alguma fobia ou se conhecem outras pessoas com fobias diferentes. Trata-se de um momento de sensibilização à temática trabalhada, constituindo-se em um momento dedicado ao *setting the scene*. Como *while-listening*, pode-se trabalhar o *listening for gist*, inicialmente. Assim, os alunos assistiriam ao vídeo e, no primeiro momento, teriam que identificar quantas fobias foram apresentadas. Como *listening for specific information*, os alunos assistiriam novamente ao vídeo, listando as fobias que foram mencionadas e as frases utilizadas pelas pessoas e que despertaram as fobias dos personagens. Neste segundo momento, os alunos podem receber um *handout* com *prints* de tela de cada participante da festa e espaços destinados às duas informações solicitadas: identificação da fobia e relação de palavras ou frases que fazem com que os personagens externalizem os seus medos.

Como *post-listening*, duas atividades podem ser disponibilizadas. Uma voltada para a prática escrita, em que os alunos deverão pesquisar sobre fobias não usuais e escrever um ou dois parágrafos sobre ela. Para ilustrar, o professor pode apresentar uma dessas muitas histórias de pessoas com fobias, como a apresentada no quadro 01. Os alunos deverão imprimir um outro relato como modelo e escrever um pequeno texto sobre a fobia encontrada, resumindo o problema que desencadeia o medo e se colocando na situação, relatando se este fato desencadeia alguma reação sua.



What if you were afraid of a common, everyday object to such a degree that it became a phobia? Tom suffered from dentisorichalcumophobia, the fear of Keys. He had avoided them the whole life, had planned for every situation. Except Maggie. All was well until Maggie showed up. She was bubbly and cute and Tom liked her immediately. It started with lunch together a few times a week. Soon it was lunch every day and finally, Tom got up the nerve to ask Maggie out to dinner. Maggie made him feel so wonderful that his phobia all disappeared.

It was Saturday morning and Tom had spent the night at Maggie's for the third time that week. "I have a surprise for you", she said in a cute, sing-song voice. Maggie slipped something into Tom's hand. Something cold, hard and sharp. A key.

"You're over here so much; I didn't want you to have to wait for me if I'm late".

Tom barely heard the words. There was a roaring in his ears and he was beginning to sweat. His stomach was churning and he was sure to be sick any moment. Maggie stared at him as all the color had left his face.

"Baby, what's wrong? You look awful".

"I can't...". Tom barely choked out the words before he dropped the key on the floor and bolted for the door. Maggie looked at it in disbelief. The key, a symbol of her desire to have Tom in her life, had been discarded, cast away. Maggie sat alone on the bed, stunned. How could she have missed it? Tom obviously had such a fear of commitment, it had become a phobia.

QUADRO 01: Texto sobre *unusual phobias*

Fonte: <http://www.writersdigest.com/forum/viewtopic.php?f=5&t=7088&start=40>
(adapted)

Como atividade voltada para a problematização e reflexão crítica, os alunos podem discutir em pequenos grupos sobre o modo pelo qual essas pessoas com fobias diferentes são vistas pela sociedade e o cuidado que devemos ter para que essas fobias não sejam acentuadas e possam levar a uma síndrome do pânico, por exemplo. Neste caso, os alunos podem falar sobre a percepção que têm sobre a síndrome do pânico e de que modo a sociedade está preparada para lidar com esse problema, que pode ocorrer a qualquer momento das nossas vidas. Será que a síndrome do pânico está relacionada à busca desenfreada por poder e prestígio?



ACTIVITY

Tomando como ponto de partida as atividades apresentadas, baseadas no Vídeo “*Social Phobias Treatment*”, escreva um parágrafo analisando as atividades do vídeo, a partir dos pontos norteadores para a preparação de materiais, elencados por Tomlinson (2009).

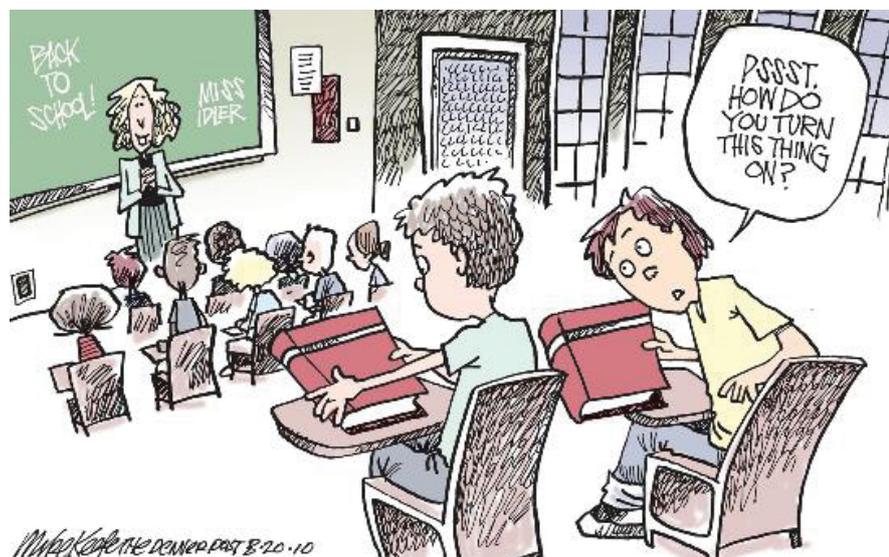
COMMENTS ON THE ACTIVITIES

Antes de responder à questão, releia todo o material com atenção, principalmente no que se refere à apresentação das atividades sobre o vídeo “*Social Phobias Treatment*” e os pontos destacados por Tomlinson (2009). Faça uma lista dos itens identificados e que estão contemplados nas atividades e, logo após, redija o parágrafo. Caso tenha dúvidas, entre em contato com o(a) seu(a) tutor(a), solicitando explicações adicionais.

Cientes da necessidade de investir nosso tempo na preparação de planos de aula e de materiais de apoio ao livro didático, é importante nos questionarmos sobre a importância de incluirmos atividades focadas nas tecnologias de informação e comunicação nas aulas preparadas. Qual é a eficácia de tal inserção? Já discutimos essa temática na disciplina de Tecnologias no Ensino da Língua Inglesa e na de Temas de Cultura e Civilização Norte-Americana. Você lembra?

Trabalhar com as tecnologias em sala de aula significa aproximar a sala e as interações originadas nesse ambiente com a realidade de nossos alunos, que, diariamente, acessam as mais diversas redes sociais e navegam na internet, não somente consumindo os produtos ali dispostos, como

também produzindo informação, seja por meio de blogs, youtube, facebook, instagram e wikipedia, por exemplo. Esse poder criativo pode ser utilizado para trabalhar as questões linguísticas inerentes ao ensino de uma LE, como também pode propiciar um maior contato entre o aluno e os conteúdos discutidos, de modo que o discente se sinta mais confortável em se expressar utilizando esses dispositivos tecnológicos, do que através de lápis e papel.



Fonte: <https://i.pinimg.com>

Conforme disposto nas OCEM (BRASIL, 2006), o trabalho com as TICs faz com que o professor possa se enveredar pelos caminhos do letramento digital, pois deve ser nosso papel de professor de línguas auxiliar o aluno não somente a compreender essa nova linguagem, como a apropriar-se dos conceitos e práticas, inserindo-se digitalmente nesse novo mundo de funcionalidades e de possibilidades, de modo a evitar que uma exclusão digital seja instaurada. Assim sendo, podemos afirmar que a preocupação em trabalhar com o letramento digital faz com que o professor insira os alunos em uma discussão sobre práticas sociais, culturais e pessoais, e esses discentes podem extrapolar as barreiras geográficas e participar de discussões e comunidades locais e globais, de modo que a tecnologia possa, segundo Leu et al (2004), englobar uma complexa série de ações, comportamentos, discursos e ideologias. Ampliando as discussões sobre essas questões, os autores destacam que

The new literacies of the Internet and other ICTs include the skills, strategies, and dispositions necessary to successfully use and adapt to the rapidly changing information and communication technologies and contexts that continuously emerge in our world and influence all areas of our personal and professional lives. These new literacies allow us to use the Internet and other ICTs to identify important questions, locate information, critically evaluate the usefulness of

that information, synthesize information to answer those questions, and then communicate the answers to others (LEU et al, 2004, p. 1570).

Não iremos aqui discutir atividades possíveis que podem ser aplicadas utilizando-se as TICs, sendo nosso objetivo reforçar a necessidade de incluir atividades dessa natureza nos nossos planos de aula, mesmo que os livros didáticos não contemplem a sua utilização. Apenas relembro o que já foi discutido nas disciplinas de Tecnologias no Ensino da Língua Inglesa e de Temas de Cultura e Civilização Norte-Americana, entre os diversos tipos de ações que podem ser empregadas em sala de aula, destacamos aquelas que privilegiam o uso das redes sociais, das práticas de remixes, dos blogs e podcasts e das aulas e atividades gamificadas. Nossa mensagem final é a de entusiastas da educação, que acreditam no processo de formação de professores como espaço de discussões, reflexões e ressignificações. Não se trata de pensar no processo como um acúmulo de regras e de modelos que devem ser seguidos sem qualquer tipo de reflexão ou apropriação, e sim de promover o diálogo e a construção conjunta de conhecimentos, de modo que o aluno possa ser o grande beneficiado, com aulas bem preparadas e condizentes com suas necessidades. Finalizamos, então, o curso, com as palavras de Nóvoa sobre a arte de formar professores em um processo que privilegia e reflexão crítica.

A educação vive um tempo de grandes incertezas e de muitas perplexidades. Sentimos a necessidade da mudança, mas nem sempre conseguimos definir-lhe o rumo. Há um excesso de discursos, redundantes e repetitivos, que se traduz numa pobreza de práticas. Há momentos em que parece que todos dizemos o mesmo, como se as palavras ganhassem vida própria e se desligassem da realidade das coisas. As organizações internacionais e as redes que hoje nos mantêm permanentemente ligados contribuem para esta vulgata que tende a vendar mais do que a desvendar. O campo da formação de professores está particularmente exposto a este efeito discursivo, que é também um efeito de moda. E a moda é, como todos sabemos, a pior maneira de enfrentar os debates educativos. Os textos, as recomendações, os artigos e as teses sucedem-se a um ritmo alucinante repetindo os mesmos conceitos, as mesmas ideias, as mesmas propostas (NOVOA, 2009, p. 26).

É tempo de refletir!

Vamos fazer mais uma atividade para consolidar as informações aprendidas ao longo desta aula?



ACTIVITY

Baseado (a) nas discussões da aula 10, preencha o quadro a seguir, apontando as principais ideias relacionadas a algumas das temáticas discutidas nesta aula

Temáticas discutidas	Principais pontos sobre as temáticas elencadas
Preparação de Planos de Aula	
Preparação de materiais	
Uso das TICs	

COMMENTS ON THE ACTIVITIES

Antes de responder à questão, releia todo o material com atenção e, se necessário, estude o conteúdo apresentado nas primeiras aulas e nas disciplinas de Metodologia do Ensino de Língua Inglesa I, Tecnologias no Ensino da Língua Inglesa e de Temas de Cultura e Civilização Norte-Americana. Faça anotações de todas as informações que julgar relevantes e, só então, redija seu texto, conforme solicitado. Caso ainda tenha dúvidas, entre em contato com o(a) seu(ua) tutor(a), solicitando explicações adicionais.

Finalizamos o nosso curso. Espero que tenha gostado e aproveitado cada aula. Sempre que tiver dúvidas, procure seu(ua) tutor(a)! Ele(a) terá o maior prazer em ajudá-lo(a).

CONCLUSION

Chegamos ao final da nossa aula! Entramos em contato com as orientações relacionadas ao ensino de língua inglesa a partir da reflexão sobre a importância de planejar as aulas, focando nas necessidades dos alunos e nos objetivos elencados, priorizando-se a preparação de materiais e o uso das TICs. Espero que tenha aproveitado para refletir um pouco sobre o papel ativo e reflexivo do professor, essencial na preparação e condução de suas aulas.

A preparação de aulas só tem razão de existir quando colocamos no centro das nossas preocupações a figura do aluno, as suas necessidades e os seus learningstyles. Discutimos teoria, exemplificamos com algumas atividades, e expomos alguns direcionamentos, mas nada disso terá efeito se o planejamento não for feito em um cenário centrado no aluno. Lembre-se que o ensino de uma língua estrangeira não pode estar mais focado em uma metodologia fixa a ser seguida. Você, como professor, deve, diante dos conhecimentos aqui discutidos, decidir sobre os direcionamentos a serem dados na sua aula!

Lembramos, mais uma vez, que atividades extras e complementares poderão ser postadas pelo seu professor na plataforma do seu curso.

Bons estudos e um ótimo desempenho a todos!!



SUMMARY

Na aula 10, estudamos alguns conceitos importantes para o planejamento de aulas de língua estrangeira, no nosso caso, de inglês. Partimos da análise da importância em preparar um bom plano de aula, sem que um modelo fixo seja seguido. Diante de alguns modelos fornecidos, o professor deve preparar o *layout* do plano de aula que mais se adequa ao seu estilo. Vimos que, independente do formato, o plano precisa destacar o nível da turma, o *background* dos alunos, os objetivos que foram traçados para a aula em questão, as habilidades que serão trabalhadas, as atividades utilizadas, os materiais e textos selecionados, bem como os possíveis problemas e soluções plausíveis para os problemas identificados. É importante destacar que o plano não pode ser visto como algo inflexível, e que mudanças podem ser feitas a qualquer momento, tendo como objetivo aproveitar as brechas de aprendizado e discussões que identificamos nas nossas aulas.

Nesta tarefa de preparação de aulas, discutimos a importância em utilizar o livro didático como um roteiro de ensino, preparando atividades

que possam maximizar os resultados esperados, a partir das necessidades identificadas em nossas turmas. Assim, para Tomlinson (2009, p. 111-112), ao selecionar os materiais a serem empregados nas nossas aulas, é importante que os textos eleitos, sejam eles escritos, visuais ou falados, possam ser capazes de engajar o aluno, tanto em termos cognitivos quanto afetivos; de promover uma conexão com as vidas dos alunos ou seu conhecimento de mundo; de permitir ativação de representações multidimensionais e estimular respostas pessoais, tanto divergentes quanto similares aos fatos apresentados.

Por fim, revisamos alguns conceitos discutidos em outros cursos sobre a importância de inserir atividades focadas nas tecnologias de informação e comunicação em nossas aulas, aproximando a aula da realidade tecnológica diária de nossos alunos, tendo em vista o nosso papel de promover um letramento digital nos nossos ambientes educacionais, de modo que o aluno não seja somente um consumidor de produtos digitais, mas também um crítico e um produtor desses conhecimentos.



SELF-EVALUATION

- 1) Sou capaz de discutir as questões relacionadas ao planejamento de aulas e preparação de planos de aula?
- 2) Sou capaz de discutir as questões relacionadas à preparação de materiais didáticos para o ensino da língua inglesa?
- 3) Sou capaz de discutir a importância de trabalhar as novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem de uma LE?
- 4) Sou capaz de analisar materiais didáticos destinados ao ensino da língua inglesa?

REFERENCE

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido* – sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2004.

CRAWFORD, Jane. **The role of materials in the language classroom: finding the balance.** In: RICHARDS, Jack C.; RENANDYA, Willy A. **Methodology in language teaching: an anthology of current practice.** Cambridge: CUP, 2009.

DUBOC, Ana Paula. **Letramento crítico nas brechas da sala de línguas estrangeiras.** In: TAKAKI, Nara Hiroko; MACIEL, Ruberval Franco.

- Letramentos em terra de Paulo Freire.** Campinas: Pontes, 2017.
- FARREL, Thomas S. C. Lesson Planning. In: RICHARDS, Jack C.; RENANDYA, Willy A. **Methodology in language teaching: an anthology of current practice.** Cambridge: CUP, 2009.
- KUMARAVADIVELU, B. **Toward as postmethod pedagogy.** TESOL Quarterly, v. 35, n.4, 2001.
- KUMARAVADIVELU, B. **Beyond Methods: Macrostrategies for Language Teaching.** New Haven and London: Yale University Press, 2003.
- KUMARAVADIVELU, B. **Understanding language teaching: from method to postmethod.** Marhwah: Erlbaum, 2006.
- KUMARAVADIVELU, B. **Language teacher education for a global society.** Routledge: Taylor& Francis, 2012.
- JENSEN, Linda. **Planning lessons.** In: CELCE-MURCIA, Marianne (ed.). **Teaching English as a Second or Foreign Language.** United States of America: Heinle, Cengage Learning, 2001.
- LEU et al. **Toward a theory of new literacies emerging from the Internet and other information and communication technologies.** In RUDELLE, R. B.; UNRAU, N. (Eds.), **Theoretical models and processes of reading.** Newark, DE: International Reading Association, 2004. In: http://www.readingonline.org/newliteracies/lit_index.asp?HREF=/newliteracies/leu.
- NÓVOA, António. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão.** In: _____. **Professores: imagens do futuro presente.** Lisboa: Educa, 2009. p. 25-46.
- PRABHU, N. S. **Materials as Support: Materials as Constraint.** Guidelines, 11 (1). Singapore: RELC, 1989.
- RICHARDS, J. & RENANDYA, W. A. **Methodology in Language Teaching: An anthology of current practice.** Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- TOMLINSON, Brian. Developing principled frameworks for materials development. In: _____(org) **Developing materials for language teaching.** London: Cromwell Press Group, 2009.
- TOMLINSON, Brian; MASUHARA, Hitomi. **Materials development for language learning: principles of cultural and critical awareness.** In: PEREIRA, Ariovaldo Lopes; GOTTHEIM, Liliana (Orgs.). **Materiais didáticos para o ensino de língua estrangeira: processos de criação e contextos de uso.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.